

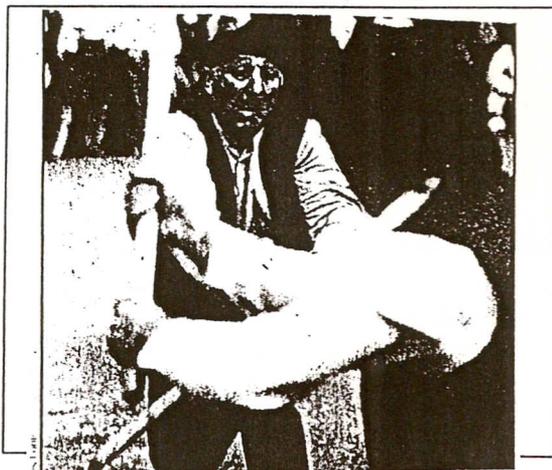
# Pontuada

Boletim da (futura) Associação Juvenil de Estudo e Promoção do Jogo do Pau

Número 0 - Abril de 1997

## Editorial

Saudações para todos os jogadores, aficionados ou apenas curiosos que nos lêem. Este é o nosso número zero, e portanto há que começar pelas apresentações. Ora, o que é, ou aliás, o que vai ser, a Associação Juvenil de Estudo e Promoção do Jogo do Pau? Basicamente é um grupo de jovens disposto a trabalhar na divulgação e recuperação deste magnífico sistema tradicional português de combate. Alguns de entre nós já começaram a aprendê-lo, outros ainda só viram, leram ou ouviram falar. A falta de escolas do Jogo é uma triste realidade e nem todos vivemos em lugares onde possamos praticá-lo. É essa aliás uma das nossas aspirações, que um dia venha a existir uma rede de escolas espalhadas por todo o território nacional (e mesmo no estrangeiro) onde se ensine a técnica e a arte do Jogo do Pau português.



Pretendemos desenvolver acções de sensibilização que visem pôr fim à letargia e desconhecimento das instituições oficiais ligadas à promoção do desporto, da cultura e do associativismo. Porque é que o Jogo do Pau há-de ficar esquecido quando pululam por todo o lado as escolas de Judo, Karaté, Wu Shu, e tantas outras disciplinas afins? Não temos nada contra as artes marciais orientais, alguns de nós temos um percurso aí percorrido, mas chateia-nos profundamente que uma modalidade portuguesa com tradições que vêm de há séculos seja hoje desconhecida da maior parte dos portugueses. As novas gerações têm o direito ao passado do seu povo, e - estamos certos- haveria muitos mais jogadores do pau se os jovens soubessem sequer da sua existência.

*João Paulo Esperança*

## Objectivos da associação

Na proposta de Estatutos que pretendemos registar em Cartório

Notarial logo que tivermos dinheiro apresentam-se como objectivos os seguintes:

\* Ficha Técnica

Director: João Paulo Esperança; Propriedade: Comissão Instaladora da Associação Juvenil de Estudo e Promoção do Jogo do Pau; Endereço: Rua Tomé Barros Queiroz, 3830 Ílhavo; Periodicidade: Bimestral

- Divulgar o Jogo do Pau quer no espaço nacional quer no estrangeiro, com especial atenção para o mundo lusófono e as comunidades de portugueses emigrados;
- Levar a cabo estudos históricos, antropológicos, sociológicos, desportivos e outros, sobre o Jogo do Pau;
- Organizar estágios e acções de formação, principalmente destinadas a jovens;
- Promover seminários, conferências e iniciativas semelhantes sobre o Jogo do Pau.

- Publicar brochuras, livros e outros materiais sobre o Jogo do Pau, através de um boletim regular;
- Realizar intercâmbios com associações congéneres portuguesas, bem como associações nacionais ou estrangeiras que se dediquem a outras artes marciais com pau ou bastão ou a outros sistemas de combate tradicionais do mundo lusófono;
- Sensibilizar os jovens para a prática do Jogo do Pau.

## Definições

A *Lexicoteca - Moderna Enciclopédia Universal*, publicada pelo Círculo de Leitores [Tomo VII, impresso em Set. 85, Depósito Legal n.º 4281/84], remete na entrada *Jogo do Pau* para *Esgrima de Pau* que é assim definida:

*Luta desportiva na qual os intervenientes se defrontam com varas: é o popular jogo de pau tipicamente português. Este jogo apresenta diversas modalidades e variantes e usa-se tanto nas zonas rurais como nas grandes cidades, tendo sido espectáculo público em Lisboa no séc. XIX. Há escolas e competições para este desporto, por vezes também praticado por indivíduos do sexo feminino.*

## Que se diz por aí

Atribui-se geralmente ao Jogo do Pau uma distribuição geográfica mais ou menos restrita a certas zonas de Portugal ( Minho, Beira Interior, Lisboa, Ribatejo e, algumas vezes, Trás-os-Montes ) pelo que nos surpreendeu agradavelmente a notícia publicada no jornal *Ihavense* de 1 de Setembro de 1991, na rubrica *Factos de outros tempos*:

*“Já poucos ilhavenses se lembram do ti “Ramízio”.*

*Nasceu em Ílhavo, mas passou a sua mocidade em Lisboa, em Alfama ou Mouraria. Era valente, não temia fosse quem fosse e era respeitado pelos grandes rufiões. Saltava o balcão de qualquer taverna sem lhe tocar com os pés. Os seus adversários fugiam quando o viam com uma navalha na mão. Tinha um grande amigo que era o Júlio Justiça.*

*O ti “Ramízio”, ainda novo, desembarcou de um navio onde era marinheiro, num dos portos da América do Norte, juntando-se depois aos ilhavenses que se encontravam em Gloucester e aí começou a sua labuta nos barcos de pesca, casando-se mais tarde e deste casamento nasceu uma filha que veio a casar com o ilhavense António Gil.*

*Conservou-se largos anos nos Estados Unidos, mas sempre com a ideia de voltar à terra onde nasceu.*

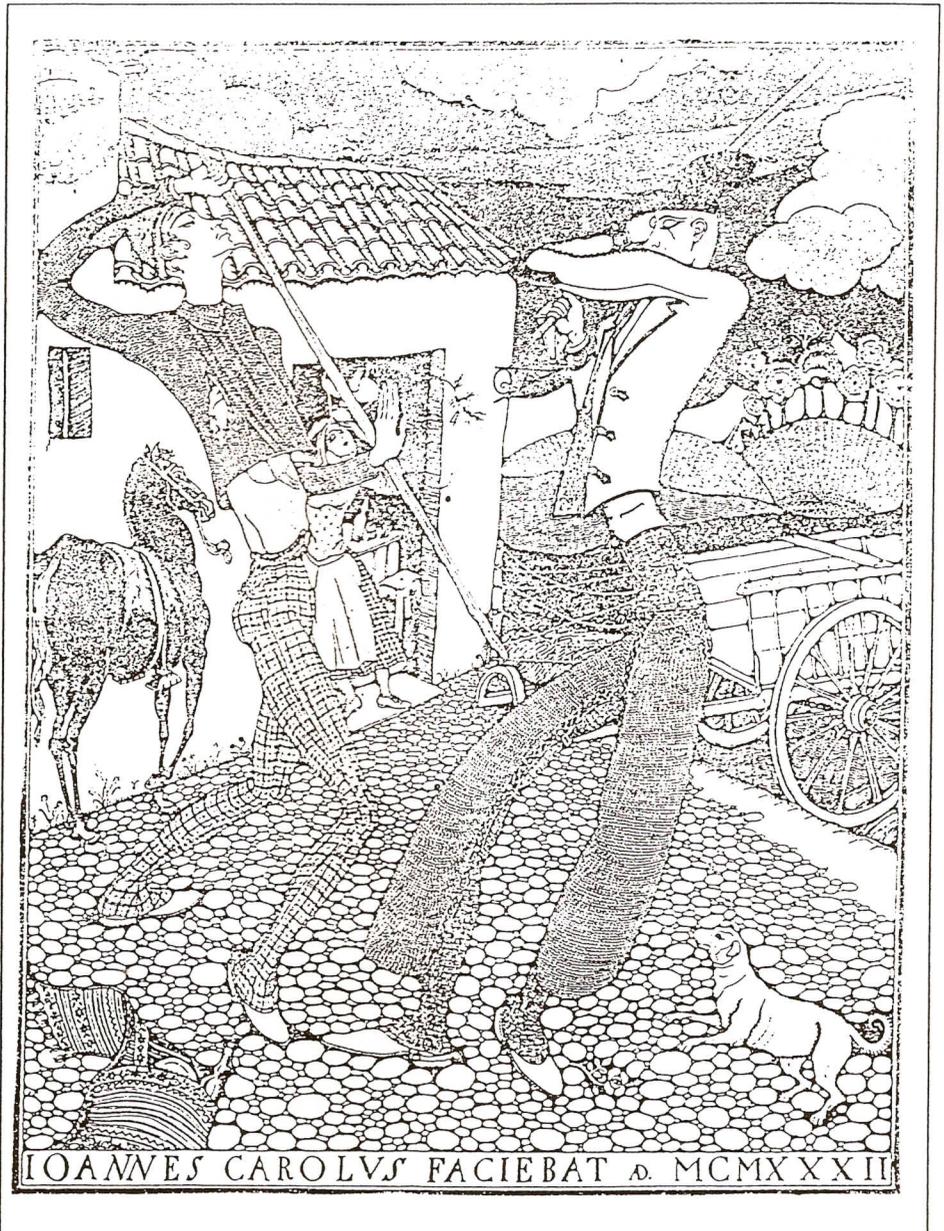
*Nesse tempo havia em Ílhavo um homem que se julgava um grande valentão, que era o ti António Cabreiro, assim conhecido por possuir um rebanho de cabras. Havia um outro cabreiro, irmão daquele, o ti “Xico”.*

*António Cabreiro era um famoso jogador de pau, mas o seu*

irmão Xico e o Luís Rola não o eram menos.

Numa das suas vindas a Ílhavo, matar saudades da sua terra e passar férias, o ti "Ramizio" encontrou-se numa taberna, que então havia no centro da vila, com o ti António Cabreiro, este com um pão de Vale de Ílhavo na mão e bebendo o seu copinho. A assistência, meia dúzia de ilhavenses, com a chegada daqueles, começou a discutir que um homem com uma navalha não tinha facilidade de se defender de um outro com um pau na mão. O António Cabreiro dizia que com o seu pau enfrentava alguns rufias, como um que estava ao seu lado. O ti "Ramizio" não gostou de "tal ofensa" e respondeu-lhe que se quisesse podiam experimentar, o que fizeram, mas antes apostaram que quem perdesse tinha de pagar uma "rodada" de vinho a todos os presentes.

O desafio passou-se próximo do mercado, que já não existe. Como bons amigos que eram, antes apertaram as mãos. O ti "Ramizio" despiu a samarra e safou da navalha enquanto o António Cabreiro puxou do seu pau e assim começou "tal" desafio. O ti "Ramizio" devido à agressividade do Cabreiro ia-se defendendo com a samarra numa das mãos. A certa altura, por descuido deste, o ti "Ramizio" chegou-lhe o bico da navalha à garganta, fazendo recuar o ti António Cabreiro que já cansado de jogar com o pau se viu obrigado a dar-se por vencido, e por isso, teve de pagar



a rodada de vinho a todos os presentes.”

### **O que dizem os homens da pena dos homens do pau**

Aquilino Ribeiro, um dos mestres da literatura portuguesa, que tão bem retrata nos seus livros o nosso povo, descreve frequentemente cenas e personagens do Jogo do Pau. Transcrevem-se de seguida alguns excertos de *Terras do Demo* [RIBEIRO, Aquilino - *Terras do Demo*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1983]:

“(…) -Eh, rapaziada da Seitosa - disse ele -, então que febre vos fazem as vacas?

-Ainda aí apareces, filho de sete curtas!?! - increpou o Zé Narciso. - Vais pagar o descaramento...

E à mão tente despediu-lhe o lodo à nuca. O Brás aparou a pancada no ombro e respondeu-lhe com uma chuçada valente do sombreiro à arca do peito.

O outro pulou e, trás, trás, só deixou de bater pela cabeça, pelos braços, pelo corpo todo, quando o viu estrumado por terra, a roncar.

O Espadagão vinha com uma enxada para lhe britar a cabeça, mas o Cláudio vendeiro deitou-lhe o gadanho e o golpe foi quebrar-se nas costelas:

- Conho, em homem no chão não se dá! (...) [pág. 134]

Passavam maltas, de varapau a estreloiçar contra varapau, varrendo nas arrecuas do batuque o terreiro coalhado de gentiaga: Viva Lamosa! (...) [pág. 136]

Entre eles nem ficava chão para cair um alfinete. E por entre estes e as vareiras, as maltas e ranchos cavalavam. Lá rompia Granjal de lodo no ar, tau-tau, viva a rusga! (...)

Ai disparava um cavaleiro, todo farófia, chapéu de aba larga, pau de choupa entalado debaixo da perna:

- Olá, gentes, abram passagem!

Bem arreada besta, crinas rentes, franjas na retranca, rifadora por de mais. O ar dele era rebentio, com a pinta de rico, e o povilêu apartava-se à banda. Mas lá desembocava outra malta:

- Viva Tabosa!

- Viva!

- Viva até que morra!

E arremetia por ali dentro, aos safanões, ó cetrás, em borborinhos de poeira, num zafarrancho de mil demónios. (...) [pág. 241]

- Foge! Foge! - exclamou a Zabana para Glorinhas diante dum roldão de caceteiros em enovelada correria.

Eram as maltas do Granjal e da Vila da Ponte que se acometiam, naquela sua inveterada rixa de povos fronteiriços e forçados. Emborcando tarimbas do

negócio e trilhando os dorminhões, acochado pelo estreloiçar dos paus, o povilêu varreu às bandas.

Glorinhas e a Zabana meteram para a porta do santuário, em que uma onda medrosa se atropelava. A espaldas delas, retiniam pragas, gemidos e gritos de aqui-d’el-rei. Mas acudia a tropa e os desordeiros tresmalhavam a pés de cavalo. Curioso, o povo refluiu sobre o lugar da refrega, que durara o tempo dum credo. Escabujava no chão homem ferido, se não morto, e vozes de mulher gemiam, testemunhando a justiça do céu e da terra. (...) [pág. 257]

## Livros

*Jogo do Pau em Portugal: processos de mudança* é uma dissertação de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa, apresentada em 1990 à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa por Rui Fernando Almeida Simões. Nesta obra o autor traça uma panorâmica sobre o que foi e é o Jogo do Pau nacional, enquadrando-o quer na sua dimensão de jogo lúdico quer enquanto aproveitamento utilitário da vara-ferramenta, e ainda como símbolo tradicional de virilidade. Faz depois a caracterização técnica e contextual do Jogo do Norte e do Jogo do Sul e respectivas Escolas, e a análise dos processos de mudança a que o Jogo tem sido sujeito ao longo da sua história, nomeadamente no que se refere à transição do rural para o urbano.

Rui Fernando Simões, à altura docente na Escola Superior de Educação de Setúbal (ignoramos se continua a sê-lo), veio com esta obra sistematizar alguns conhecimentos dispersos e, de certa maneira, valorizar o Jogo do Pau, trazendo-lhe a “respeitabilidade” normalmente associada aos meios académicos. Não sabemos se o livro foi publicado (se alguém tiver informação sobre isso agradecemos que nos notifique), mas entretanto a tese pode ser consultada na biblioteca da FCSH da UNL, com a cota AD 697.